

## IMPORTA NAO SER\*

Frei Hermógenes Harada, ofm

A importância de não ser é maior do que a de ser, no Pensamento Medieval.

Ser entendemos sempre como ser algo. Ser algo soa como ser importante, alguma coisa. Deixar de ser é não ser, ser nada. Mas o nada ser, do qual é feita a virtude da Humildade ou da Pobreza, talvez seja o maior apanágio e a mais preciosa riqueza da existência medieval, cuja compreensão é tão destorcida no nosso entendimento moderno. Pois nada ser é deixar de ser, no sentido todo próprio de deixar ser. Mas deixar ser o quê? Tudo. Assim, Tudo e Nada do Pensamento Medieval é o tema da seguinte reflexão. A reflexão segue o texto de Mestre Eckhart, intitulado *Utilidade de deixar*<sup>1</sup>.

A palavra *deixar* parece ser importante para a compreensão do que seja Tudo e Nada no Pensamento Medieval. Diz o texto:

Tu debes saber que jamais um homem nessa vida foi tão longe e tão vasto no deixar que não se achasse dever ele deixar ainda mais. Dos homens, são poucos os que isto observam retamente e nele estão assentados. É uma troca de igual valor e um justo comércio: tão longe tu saís de todas as coisas, tanto assim, não menos e não mais, Deus entra com todo o seu, até lá onde em todas as coisas, tu te exproprias totalmente do teu. Começa com isso e deixa-te degustar tudo isso, que podes trazer à tona. Ali encontras paz verdadeira e em nenhum outro lugar mais<sup>2</sup>.

Usualmente entendemos a utilidade de uma coisa como serventia, no modo de meio para um fim, lançado de antemão, como objetivo de um plano. Diz-se que é útil se instrumento do projeto de planejamento. Antes, porém, de todos os nossos projetos e planejamentos há o uso. Uso, na acepção de usos e *costumes*. Costumamos dizer a utilidade da totalidade dos usos e costumes na expressão "*no uso e na vida*". Queremos com isso indicar o nosso habitar a Terra dos Homens. Assim, *no uso e na vida*" refere-se a uma presença prévia, cotidiana e média, imperceptível, anônima e indeterminada, por ser imensidão e profundidade de envolvimento pré-jacente, a partir e dentro da qual surgem, crescem, se consomem e sucumbem multifárias planos e projetos que nos ocupam e nos preocupam. Todos nós, nos nossos afazeres, estamos em uso e em vida, como que de antemão sob o toque de um envio imenso, profundo e oculto, no qual somos usados e nos usamos, tornando-nos todas as coisas. Talvez possamos chamar esse toque do uso de *utilidade* originária de todas as coisas. Todas as nossas ações, o *know-how* das nossas atividades, recebem por fim sua orientação e a possibilidade de sua criatividade renovada, a partir dessa utilidade original. É o a partir de onde que constitui o sentido do ser de nós mesmos e do nosso mundo. Essa orientação prévia que vem do toque e envio do uso originário se chama em Eckhart *saber*. Trata-se aqui do sabor anterior, do *a priori*,

---

\* Texto extraído de: HARADA, Hermógenes. In: Cavalcante Schuback, M.S. (Org.) *Ensaio de Filosofia*. Homenagem a Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 35-50.

<sup>1</sup> Vom Nutzen des Lassens, das man innerlich und äusserlich vollziehen soll, Mestre Eckhart, *Deutsche Predigten und Traktate*, editado por Josef Quint, Carl Hanser Verlag, Munique, 1969, p. 57.

<sup>2</sup> Du musst wissen, dass sich noch nie ein Mensch in diesem Leben so weitgehend gelassen hat, dass er nicht gefunden hätte, er müsse sich noch mehr lassen. Der Menschen gibt es wenige, die das recht beachten und darin beständig sind. Es ist ein gleichwertiger Austausch und ein gerechter Handel: So weit du ausgehest aus allen Dingen, so weit, nicht weniger und nicht mehr, geht Gott ein mit all dem Seinen, dafern du in allen Dingen dich des Deinen völlig entäusserst. Damit heb an, und lass dich dies alles kosten, was du aufzubringen vermagst. Da findest du wahren Frieden und nirgends sonst.

que nos abre todo um mundo no seu surgir livre, como lance da possibilidade de ser. Todas as referências de um saber assim *a priori* se tornam um dever, uma responsabilização da tarefa para o Homem. Por isso diz Mestre Eckhart: "*Tu debes saber que*". E o que devemos assim saber com responsabilidade de ser é que: o toque desvelante da possibilidade de ser da epocalidade medieval se chama *deixar*.

A palavra alemã, usada por Mestre Eckhart para deixar, é *lassen*. *Lassen* significa deixar, no sentido de abandonar, largar, afastar-se de. Mas o que deixo ou largo fica, por assim dizer, entregue a si mesmo, desligado de mim. É deixado ser ele nele mesmo. Por isso, a forma participial passiva de *lassen*, *gelassen* significa solto, livre, à vontade, na identidade de si mesmo. E esse estado de se ser a própria identidade de si mesmo é ser *reto*, *justo* ou estar *bem*. E o que está bem consigo mesmo é sereno. Por isso *gelassen* quer dizer também sereno, e *Gelassenheit*, serenidade. É nessa acepção que *lassen* significa *deixar ser*. E como deixar ser evoca algo ou alguém livre de, *lassen* pode ser ouvido também como soltar o que está preso, desprender, desligar, desatar ou libertar. E enquanto ato em que a alma se liberta de seus apegos às coisas, às criaturas, a si mesma, ao que não é a sua própria essência, *lassen* foi traduzido como *desapegar-se*, *despojar-se*, *renunciar*, *se abnegar*, *se expropriar*. Traduzido assim, o verbo *lassen* recebeu uma forte conotação ascética de renúncia e abnegação, de expropriação ou esvaziamento de si. Por isso, na primeira leitura do texto de Eckhart acima citado, o *deixar* soa de imediato como desprender-se na renúncia e abnegação de tudo que é criatura, para tornar-se livre, vazio para Deus. Compreender a Eckhart dentro dessa colocação ascética da espiritualidade cristã usual é correto. Só que, com isso, talvez se passe por cima de um momento essencial na compreensão da *Gelassenheit* do Pensamento Medieval.

Mestre Eckhart diz: "Tão longe tu saís de todas as coisas, tanto assim, não menos e não mais, Deus entra com todo o seu até lá onde, em todas as coisas, tu te **exproprias** do teu". A palavra usada por Eckhart, aqui traduzida por *expropriar*, é em alemão *ent-äussern*. *Äussern* quer dizer externar, ser ou tornar-se exterior. *Ent-* é um prefixo que indica abertura de surgimento: o movimento de vir a ser. O que significa aqui *tornar-se ou ser exterior*, vir para fora, abrindo-se como surgimento? Seria permitido interpretar esse expropriar-se que é *sich ent-äussern* como voltar a ser aquilo que se era antes de o homem ser enrolado como algo, em-si-mesmo, isto é, implicado como em-si mesmo, internado, entocado? Aqui *ex-propriar-se* seria virar-se de avesso na reversão, na *ex-plicação*, se desdobrando, se externando e voltando a ser ele mesmo totalmente aberto para fora, isto é, *aberto como nada aberto*, como a *pura abertura que nada é*? Qual uma mola que, como uma chapa reta de aço, "desnaturalizada" a se enrolar, uma vez deixada ser ela mesma, se estende, se desenrola, deixando de ser em si, para ali abrir-se simplesmente estendida? Que tal, se as coisas ao redor de mim como isto ou aquilo, inclusive eu mesmo, como coisa em si, surgem somente, quando eu estou enrolado em mim mesmo e a partir dessa implicação implico com isso e aquilo, me apegando a mim e a outras coisas como algos, prolongamento e repetição de mim mesmo, enrolado também como algo? O que acontece, se eu me desfaço e me exteriorizo, voltando-me a estender como a abertura do nada, isto é, se eu saio de todas as coisas e de mim mesmo, me *ex-propriando* do que é meu, do meu eu, totalmente? Todas as coisas em si mesmas como algo não se libertariam da prisão da coisificação-algo, em se estendendo como momentos da fluência da imensidão do aberto do nada que sou eu mesmo? E Mestre Eckhart responde: "*Deus entra com todo o seu até lá, onde em todas as coisas tu te exproprias totalmente do teu*". Mas como pode Deus entrar com o seu *em*, se não há mais dentro, nem eu, nem o meu, se tudo é *nada*?

De repente, surge uma suspeita: Mestre Eckhart chama esse processo do enchimento de mim por Deus - na medida em que eu saio de mim mesmo -, de *troca de igual valor*. O ne-

gócio de eu sair e na medida em que eu saio Deus entrar em mim é troca de *igual valor* no sentido de aqui se tratar de *igual coisa*, de *igual causa*, de *igual valência*. Portanto, não é que eu saia de mim e Deus entra. Mas sim, quando volto a me desenrolar e me torno o que era antes de ser algo, isto é, nada, *esse nada é igual a Deus*. Pois se nada é nada, e Deus entra" em mim com todo o seu, isto significa que o nada, ou melhor, o nada de mim é igual a Tudo, não é outra coisa do que Deus com tudo que é seu. É daí que podemos compreender a Mestre Eckhart, quando diz: Se alguém é assim nada, é natural, é imperativo que ele comece ali mesmo, no e como nada, *pois* esse nada é originariamente, propriamente, o começo e elemento dele mesmo. E permanecendo sempre novo e de novo nesse começo, aja à vontade como pode, isto é, como *vermag*, a saber, como gosta, em ser natural e nascivo na plena liberdade de ser nada, e deixe-se degustar de tudo isso que assim nessa abertura livre lhe vem à tona. Em sendo assim, *somos*, por não ser, o próprio Deus: Deus, sendo, agindo como nós mesmos. Essa niilidade é a essência da Pobreza, a que Eckhart descreve, ao definir quem é o Homem pobre como: quem nada *quer*, e nada *sabe*, e nada *tem* (sermão 32)<sup>3</sup>. Entrementes, soam ambíguos os verbos grifados por próprio Eckhart: nada *quer*, nada *sabe*, nada *tem*. *Pois* nada aqui pode significar não, *não* quer, *não* sabe, *não* tem. Mas pode também significar quer, sabe e tem o nada. Mas, se o nada é nada, o próprio modo de querer, saber e ter deve se nadificar a seu modo próprio do *nada querer*, *nada saber* e *nada ter*, na acepção do nada pressuposto por Eckhart.

Em que consiste esse querer, saber e ter o nada no modo do nada? Ou antes, em que consiste esse nada que nadifica o querer, saber e ter, a modo do nada todo próprio? A essa pergunta Mestre Eckhart nos convida a entrarmos mais profundamente no seu sermão 1, comentando o texto de Mt 21,12 "*Intravit Jesus in templum et coepit eicere vendentes et ementes*"<sup>4</sup>. Segundo Eckhart, o templo onde Jesus entrou é a alma humana. Esse templo, a alma humana. Deus a formou tão igual a ele e a criou como diz o Senhor nas Escrituras: "Façamos o Homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1,26). Entre as criaturas, não há nenhuma que seja tão igual a ele, a não ser unicamente a alma humana. E Deus quer esse templo vazio. A tal ponto que ali não haja a não ser unicamente ele mesmo. Pois lhe agrada tanto ali estar à vontade, ser ele mesmo, só ele absolutamente. Isto significa que Deus, na sua absoluta presença, na plenitude do estar à vontade na sua identidade, coincide com a facticidade de a alma humana ser ela mesma, sem mistura, sem acréscimos, isto é, vazia de si, vazia "em si". O que há, porém, de diferença entre Deus e a alma, se esse nada nem sequer pode ser chamado de vazio, pois vazio é sempre o dentro oco de um algo? Há ainda um sentido falar de igualdade e diferença, se nada é tão nada que não constitui um término de relação para com Deus? Aqui o nada é tão nada que nem sequer pode surgir a suspeita de panteísmo, pois panteísmo seria, se atribuíssemos à alma (- e também a Deus! -) ser ela um algo mais do que nada. É que nada aqui deve ser nada mesmo, a tal ponto de só haver Deus, o próprio ser, o ser em si e o ser a se, ab-soluto, Tudo.

O aprofundamento dessa questão se dá, quando Mestre Eckhart tenta explicar quem são os que estavam no templo, ocupando indevidamente a casa do Senhor. Os que foram expulsos como vendilhões são os cristãos que evitam cometer pecados grosseiros e são de boa vontade, digamos gente de bem, cristãos que fazem suas boas obras para a honra de Deus, como p. ex. jejuns, vigílias, orações etc. Mas o fazem para que o Senhor lhes dê ou faça em troca o que eles gostam. Estes são negociantes e são expulsos do templo,

---

<sup>3</sup> Mestre Eckhart, op. cit., p. 303.

<sup>4</sup> Cf. op. cit., p. 153-158.

porque no templo de Deus não pode haver negócios. Pois tudo receberam de Deus, a tal ponto que, façam o que fizer, o próprio fazer, a própria possibilidade de fazer, querer e buscar, eles os receberam gratuitamente de Deus. Assim, Deus não lhes deve nada. Aqui, o modo negociante não coaduna com a limpidez do templo, isto é, da alma humana no seu estado nascivo e original. E mesmo que, com toda essa boa vontade, o Homem, em todas as suas boas obras, busque algo que quer e gostaria de dar a Deus, também ele não passa de negociante. E, assim, Eckhart nos exorta:

Queres livrar-te totalmente do negócio, de tal modo que Deus te deixe nesse templo, então debes fazer tudo que podes em todas as tuas obras, limpidamente, apenas para o louvor e permanecer tão desprendido disso, como o nada é desprendido. Ele não está nem aqui nem ali. Tu em absoluto não debes cobiçar nada por isso. Se tu assim atuas, então as tuas obras são espirituais e divinas, e os negociantes são enxotados para sempre do templo e Deus, somente ele, ali estará, pois este Homem tem somente Deus em mente<sup>5</sup>.

Eckhart fala também dos que não foram expulsos do templo, mas que receberam de Jesus a amável ordem de recolherem as suas mercadorias do templo. Estes são os vendedores de pombas. Segundo Eckhart, Jesus lhes fala bondosamente: "Retirai isto daqui!", como se quisesse dizer: "Isto quiçá não é mau, traz no entanto impedimentos para a pura verdade!" Quem são essa gente? São a *boa* gente, os que fazem suas obras limpidamente somente por causa de Deus, nada buscando como recompensa (o que é de Deus) e, no entanto, o fazem em ligação ao próprio eu, a tempo, a número, a antes e depois. Nessas coisas eles são impedidos de alcançar a suprema verdade, a saber: que devem ser livres e vazios como foi livre e vazio o nosso Senhor Jesus Cristo. Ele que, a cada momento, sem cessar e sem tempo se recebe novo do seu Pai celeste e no mesmo in-stante, sem interrupção, renasce com louvor cheio de gratidão, para dentro da sublimidade do Pai, na igual dignidade. Inteiramente assim, deveria ex-sistir o Homem que se torna receptivo à suprema verdade e gostaria de viver sem antes e sem depois e sem impedimento, através de todas as obras e de todas as configurações, das quais ele se tornou cada vez ciente e vazio e recebendo livremente o dom divino nesse instante como louvor pleno de gratidão, renascendo em nosso Senhor Jesus Cristo<sup>6</sup>.

Deixar ser o nada de nós significa, portanto, tornar-se inteira e radicalmente pura recepção. Esse ser puro nada de recepção é chamado por Eckhart de ser "*livre de todos os impedimentos, isto é, da eu-ligação e nesciência*". Temos assim a pura recepção obediente que sabe ao "sabor do nada".

Como é, porém, esse nada que somos nós mesmos na nossa propriedade a mais própria, a saber, sem eu-ligação, inteiramente cientes de nós mesmos? Como é, pois, o Homem do nada? Responde Eckhart: ele "esplende tão belo e brilha tão puro e claro por sobre tudo e através de tudo que Deus criou, que ninguém pode lhe ir de encontro com igual brilho, a não ser unicamente o Deus incriado". E radicaliza:

A esse templo, ninguém é igual a não ser somente o Deus incriado". "Tudo que é debaixo dos anjos, de modo algum iguala a esse templo. Mesmo os supremos anjos se assemelham a esse templo da alma nobre só até certo grau, mas não completamente. Que eles se assemelhem numa certa medida à alma, isto vale para o conhecimento e o amor. A eles, porém, é colocada uma consumação: por sobre si para além não podem ir. A alma, no entanto, pode sim ir por sobre si para além. Se a alma - e quiçá a alma de um homem que vivesse ainda na temporalidade - estivesse à mesma altura do anjo supremo, este homem poderia ainda sempre mais no seu poder livre alcançar por sobre o anjo para além, mais alto, incomensuravelmente em cada in-stante, novo e sem

---

<sup>5</sup> Op. cit., p. 154-155.

<sup>6</sup> Cf. op. cit., p. 155.

número, isto é, sem modo, e por sobre o modo dos anjos e de toda a razão criada. **Somente Deus é livre e incriado, e daí, ele somente é igual à alma, segundo a liberdade, não, porém, em vista da não criaturidade, pois ela é criada. Se a alma vem à luz sem mistura, então ela repercute para dentro do seu nada no nada tão longe do seu algo criado que ela pela própria força não pode por nada voltar ao seu algo criado. E Deus se coloca com a sua incriabilidade debaixo do nada dela e mantém a alma no seu algo**<sup>7</sup>.

Essa estranha referência do Tudo e do Nada como Deus e alma é uma variante do "relacionamento" entre Deus e a criatura, assinalado pelos medievais no binômio *ens a se* e *ens ab alio*. Assim a descrição feita acima se refere certamente ao homem, mas enquanto *ens ab alio*, isto é, criatura, ente que não vem a si, não subsiste a partir de si e em si, mas do *outro*, a saber, de Deus. Pois para o Pensamento Medieval o ser é somente de Deus, ou melhor, o ser é o próprio Deus: *Deus est esse ipsum*. Assim, digo Deus e já disse ser, digo ser e já disse Deus. Deus é todo o ser, tudo do ser, único ser e unicamente ser, ser ab-soluto, a partir de si, *ens a se*. Fora de Deus não há ser. E se de alguma forma há entes "fora" de Deus, esses entes não têm ser a partir de si e em si, mas de Deus, são *ab alio*. Mas o que quer dizer fora de Deus, se Deus é ser ab-soluto, tudo do ser? Com outras palavras, o que significa nada, se é Tudo, o ser? O formalismo dessas perguntas somente tem sentido, na medida em que, assim girando no vácuo de conteúdo, ele nos acordar para uma suspeita. Suspeita que nos faz indagar: se "fora" de Deus não há nada, nem sequer o nada, esse nada dos medievais não poderia ser um *nada criado*? E a palavra aqui *criado* (criatura, criação e criador) não deveria ser entendida numa acepção *toda própria*, bem diferente da causação e efetivação? Essa suspeita de que o nada dos medievais se refere ao nada criado não está expressa na formulação: *creatio ex nihilo sui et subiecti*? Não poderíamos escutar esse *ex nihilo* como que indicando o nada enquanto aquilo de que são feitos os entes "fora" de Deus, portanto o nada como o material do qual são feitos os entes *ab alio*? Mas aqui quando dizemos *material* é necessário não entender o nada, a partir do material, mas sim pelo contrário entender o material, a partir do *nada*. E não é a esse nada todo especial que os medievais davam o estranho nome de *potentia oboedientialis*? Mas o que significa não entender o nada a partir do material e sim o material a partir do nada? Talvez o texto acima mencionado e em parte parafraseado de Mestre Eckhart no seu sermão 1 nos possa orientar na compreensão do que seja esse nada criado enquanto referido à criatura humana.

Acabamos de dizer "na compreensão do que seja esse nada criado enquanto referido à criatura humana". Isto significa que há compreensão do que seja nada criado enquanto não referido às criaturas que não são homem? Talvez os medievais diriam *nada enquanto referido às criaturas racionais* (homem e espíritos) e *nada enquanto referido às criaturas não racionais*. Recordemos, aqui, o que observamos bem no início da reflexão como uma suspeita, na pergunta: que tal, se as criaturas como esta coisa em si, como isto ou aquilo, só surgem e aparecem quando o Homem está enrolado em si mesmo e, a partir dessa implicação, se apegam às criaturas como a algos, prolongamentos e repetições desse

---

<sup>7</sup> *Op. cit.*, p. 156. Grifamos as últimas frases dessa citação, devido à sua importância. Eis o texto original dessas frases grifadas: Gott allein ist frei und ungeschaffen, und daher ist er allein ihr gleich der Freiheit nach, nicht aber im Hinblick auf die Unerschaffenheit, denn sie ist geschaffen. Wenn die Seele in das ungemischte Licht kommt, so schlägt sie in ihr Nichts so weitweg von ihrem geschaffenen Etwas in dem Nichts, dass sie aus eigener Kraft mitnichten zurückzukommen vermag in ihr geschaffenes Etwas. Und Gott stellt sich mit seiner Ungeschaffenheit unter ihr Nichts und hält die Seele in seinem Etwas.

Os termos *Ungeschaffen*, *Ungeschaffienheit* foram traduzidos por *incriado*, *incriabilidade*. Incriabilidade diz referência ao ser de Deus, à Deidade na sua *Abgeschiedenheit*. O termo *Unerschaffenheit* foi traduzido por não-criaturidade. Não-criaturidade se refere a Deus enquanto se "externando" como "condição da possibilidade do ser das criaturas: o Nada. Por isso, a palavra *sie* foi interpretada não como indicando a alma, mas sim a não-criaturidade.

modo da sua enrolação como algo? Dito com outras palavras, essa variante da fala que se refere a Deus e à alma humana sob o binômio *ens a se* e *ens ab alio*, sob o binômio *Tudo* e *Nada*, principalmente a acepção usual do nada, já não está sob a compreensão *deficiente* do sentido do ser, e a partir dali também do nada, por se enrolar sempre de novo na compreensão do ser igual a algo, ente igual a coisa? Não é dessa pré-compreensão já estabelecida do que seja *ser* e *nada* que surgem aporias formalistas como as mencionadas acima sobre nada que é fora de Deus, nada que é criado, nada que é tão nada que nem sequer é nada? E que a compreensão do que seja a criação, o Criador, a criatura e criatural não é orientada para entender tudo isso referido já de antemão a um fazer, produzir, emitir algos, a modo de uma causação e efetivação de coisas, através da coisa chamada ação por uma coisa chamada Deus? E não é à base dessa posição do sentido do ser como de algo que surge a diferença entre o nada, o *ab alio* referido às criaturas racionais e o nada, o *ab alio* referido às criaturas não racionais? Com outras palavras, as usuais compreensões de tudo, nada, ser, ente, Deus e Homem, sim de todas as palavras na sua significação, lá onde se constitui o seu sentido próprio, não estão já de antemão ocupadas por um determinado sentido do ser, como se *ser* significasse obviamente algo, coisa, o em si núcleo, isto ou aquilo? E a própria dissolução e liquidação desse algo núcleo para o nada não resulta num posicionamento do nada como algo vago, indeterminado, assim espalhado como espaço vazio, mas sempre ainda um algo?

A partir dessa indagação, voltemos ao texto do sermão 1 de Eckhart para nos aproximarmos da compreensão do nada que ali poderia estar subjacente, agora com mais cuidado. Ali, o deixar de ser da alma, o seu tornar a ser nada, longe de ter a conotação de aniquilação ou destruição ou redução à vacuidade coisificada parece significar pelo contrário a libertação do auto-enrolamento da indevida solidificação de uma fluência num algo fixo coisificado como eu. Ou melhor, no nada, descrito por Eckhart no sermão parece tratar-se da libertação de uma falsa compreensão do que seja a alma humana que deixa de se compreender como ser ela mesma, no momento em que se compreender, reduzida de alguma forma ao sentido do ser que não faz jus ao próprio do *seu ser* como *eu*. O vilão aqui não é propriamente o *eu*, mas sim a redução do *eu* à coisa, ao algo, ao núcleo em si, a tal ponto que o *eu* não mais aparece como ele é, não se tornando solto, à vontade na sua verdadeira identidade. Assim, a dissolução desse eu empacotado como núcleo em si, o desprendimento dessa *eu-ligação* equivale a deixar ser a alma na sua, a mais íntima identidade, o nada. Esse nada seria a pura possibilidade, chamada *potentia oboedientialis*. Mas se possibilidade, então possibilidade de ser? Não, possibilidade de deixar de ser. Mas como, nesse deixar de ser, ser nada significa deixar ser, isto é, possibilidade de obedecer, esse deixar de ser se torna deixar ser no sentido de pura recepção. Na nihilidade dessa pura recepção, na qual a própria possibilidade de receber é dada, tanto a própria receptividade como a sua possibilidade são recebidas. A alma é nada no sentido de pura abertura, pura dis-posição e ex-posição de si mesma, a *Ent-äusserung* e *Gelassenheit*. Nesse sentido, não há nenhum ente criado que no seu próprio seja tão disposto, tão exposto, tão expropriado, tão impregnado de nada, tão absolutamente despojado no *seu ser* dos mínimos resquícios do ser e da possibilidade de ser do que a alma humana. Tudo isso quer nos dizer que, em Mestre Eckhart no sermão 1, a "relação" entre Deus e alma e a exortação à alma de deixar de ser para se deixar ser e ser capaz de Deus - e juntamente todas as palavras como tudo e nada, ser e ente, Criador e criatura, dentro e fora - devem ser compreendidas nelas mesmas, sem reduzi-las à compreensão do ser e nada a modo do ser como algo, coisa, núcleo do em si ocorrente. É isto que se quer dizer, quando observamos acima que devemos compreender o nada não a partir do material, mas sim o material a partir do nada.

A niilidade acima descrita é o que chamamos de *finitude*. Essa finitude é tão nada que chamá-la de limitada é atribuir-lhe demasiadamente posição de ser. É decisivo, porém, estranhar e, no estranhamento, vislumbrar o que Mestre Eckhart nos quer dizer, quando destaca essa niilidade no meio de todas as criaturas, principalmente contrastando-a com a grandeza do anjo supremo, e diz: Deus é o único ser que pode se igualar a essa niilidade, portanto, pode unir-se à alma que deixou de ser e voltou a ser nada. O que há de decisivo nessa colocação? O decisivo é perceber com precisão o matiz todo próprio dessa niilidade. É que um nada assim nadificado é *fraqueza*, isto é, não é um mundo insensível no modo de uma imensidão vazia, ocorrente ali estendida como espaço sideral ou matéria dissolvida, mas sim um "nada" como que finura da tênue vibração do tremor da sensibilidade, como sentimento da vida. Mas vida diz pouco, por dizer demais, pois a pura recepção, a *potentia oboedientialis*, se refere à vida na sua aceção a mais humana, a mais própria, a mais íntima, a que os medievais denominavam de *espiritual ou divina*. De novo, aqui devemos compreender vida espiritual, vida divina nela mesma, sem colocá-la na perspectiva da pré-compreensão do sentido do ser como algo, coisa ocorrente em si. Talvez, hoje, possamos apenas acenar para essa compreensão imediata, corpo a corpo do que Eckhart chama de espiritual e divino, recorrendo à vivência da experiência de encontro, a algo como a sensibilidade, delicadeza e intimidade da recepção e doação "entre" pessoas, numa referência toda própria, caracterizada como relacionamento eu-e-tu. Aliás, toda essa linguagem do encontro soa intimista, carola, para não dizer sem pudor e banal, pois todos esses termos *pessoais, intersubjetivos* têm o sabor de uma coisificação psico-vitalizada de atos comunicativos e expressivos de um sujeito eu e de um outro sujeito tu. Eckhart tenta acenar para a significação própria da vida espiritual e divina, chamando o "nada" da pura recepção de puro *louvor, cheio de gratidão*. E usa continuamente a qualificação *lauter e ledig* para insinuar o matiz todo próprio do nada da gratidão. *Lauter* significa puro, mero, claro, e se refere à clareza, à limpidez do som, à afinação, mas não somente no sentido de estar alinhado, correto, mas muito mais no sentido do frescor, da plenitude generosa, da cordialidade da liberdade da percussão, portanto, do vigor da gratuidade livre do toque. *Ledig* hoje significa solteiro, mas propriamente diz livre, não preso, desimpedido, na plenitude solta da vitalidade. Eckhart usa também a palavra *virgem* para caracterizar essa liberdade como alegria límpida, contida de uma vitalidade ainda não desgastada ou ressentida.

Esse ser nada, a que Eckhart também chama de *liberdade*, por ser puro, ele mesmo e nada mais, só pode ser compreendido nele mesmo. Isto significa que o nada assim gratificante, agraciado e agradecido é limpidez absoluta da identidade consigo mesma *lauter e ledig*. O Nada é, assim, retraído em si mesmo, separado de tudo quanto não é ele mesmo, na disponibilidade da sua identidade. É o que em Eckhart se chama *abgeschieden, Abgeschiedenheit*, e que os medievais designavam também com a expressão *ens a se, aseitas*. Reina aqui a plenitude. Mas essa plenitude não é ser, no sentido de atuação, presença, de vigor cheio, mas a absoluta continência da fidelidade da gratuidade a si mesma, na íntima e límpida obediência à sensibilidade e delicadeza do pudor da liberdade. Ser *abgeschieden* é retraimento do deixar ser o não ser, não como negação ou afirmação da negação do ser, mas sim como liberdade da pura disponibilidade de si na humilde e grata do ação de si, e na humilde e grata recepção dessa doação, ambas ao sabor da gratuidade. Aqui doar-se e receber dizem o mesmo como ao sabor *da liberdade do louvor e da gratidão*. O nada a partir do qual brota a liberdade do louvor e da gratidão se chama *Abgeschiedenheit*. *Abgeschiedenheit* é a *graça, a beleza da continência da liberdade de Deus, a Gelassenheit*. Com precisão diz Mestre Eckhart: "Somente Deus é livre e incriado, ele somente é igual à alma, segundo a

*liberdade, não, porém, em vista da não-criaturidade, pois ela é criada*<sup>8</sup>. Mas se somos iguais a Deus na liberdade, então a diferença do Incriado e do criado não significa diferença de afastamento, mas sim absoluta mesmidade da diferença, cuja identidade se retrai para dentro do mistério do encontro da Filiação divina. Criação diz simplesmente e absolutamente Filiação. Incriado e criado não diz causador e causado, criação não é causação, mas sim a intimidade abissal da geração do Pai e Filho(s) na Liberdade da Graça.

Toda a questão da compreensão do Tudo e do Nada no Pensamento Medieval esteja talvez em ver na especulação de um Mestre Eckhart, na qual é concentrada a totalidade do sentido do ser na sua intensidade absoluta num único ente chamado Deus, não apenas uma doutrina espiritual místico-teológica acerca de Deus e da alma, mas sim a tentativa de uma nova ontologia, onde o caráter metafísico da *aseidade* de Deus como do Ente Supremo absoluto se transforma na *aseidade* de um absoluto retraimento da divindade para dentro da *Abgeschiedenheit* e *Gelassenheit* de um "deus" humanado, cuja *deidade* recebe mais tarde em Nicolau de Cusa o nome de *non-aliud*.

---

<sup>8</sup> A alma é o nada da não-criaturidade, nada agraciado como possibilidade de ser sustentado pela incriabilidade: finitude infinita no mistério do encontro e amor da filiação divina.